

8 de dezembro de 1949

MEIO DE SEMANA

Porque é que se escreve? Isso depende. No nosso caso, por exemplo, e para não ir mais longe, quando se trata destas crônicas semanais, é unicamente pelo dinheiro que rende, e já dá para os cigarros. Mas quando é aos livros que nos referimos, e nesse caso o escrever já é coisa muito diferente, por que pressupõe tempo, trabalho e paciência, aí devemos dar ensejo à explicação de Sartre, que nos parece interessante e profundamente humana. Essa novelinha intitulada *La Nausée*, escrita na primeira pessoa, é que nos obriga a pensar pela densidade de seu conteúdo, contém sobre a necessidade literária, algumas páginas muito bem apanhadas. Esse Antoine Roquentin, que a escreve na forma de seu diário íntimo para tentar compreender a estranha enfermidade que o possui, acaba chegando a uma conclusão existencialista que poderá justificar plenamente sua vida até então vazia de sentido. Ele vivia numa cidade de França em cuja biblioteca pesquisava elementos para a biografia de um vulto perdido entre os nevoeiros da história. Sua existência era monótona. Do hotel para a casa dos livros, desta para o café, o bar, os passeios sempre os mesmos. Com uma intensidade anormal começa a sentir náusea pela expressão das coisas, as figuras dos homens, a significação de seus próprios impulsos, como acontece com os enfermos que fogem à realidade pelos caminhos da neurose. Um dia ouve na eletrola do bar a canção de aparência insignificante, mas que tem o poder de sugerir coisas nas quais ele nunca pensava com o calor de um sentimento palpitante. Começa então a imaginar a figura do autor da canção, um pobre judeu dos Estados Unidos que escreve para não morrer de fome. Depois a negra de voz

envolvente que canta, e divulga a canção estranha. Ambos, judeu e negra, para Roquentin estão salvos, suas existências estão justificadas pelo poema de dolorosa e noturna beleza. Salvos! Eles existem, suas vidas estão justificadas! Será que eu também não poderei ensaiar qualquer coisa no mesmo sentido? se pergunta o personagem que escrevia um livro sobre um vulto da história de França. Será que eu não poderei ensaiar qualquer coisa assim? Naturalmente não será no terreno da música, mas noutro gênero, por exemplo, um livro... Sim, deve ser um livro, eu não sei fazer outra coisa. Mas não um livro de história: a história fala do que já existiu – nunca um existente poderá justificar a existência de um outro existente. Meu erro era querer ressuscitar aquela figura. Deve ser uma outra espécie de livro no qual se advinhe, para além das palavras impressas, qualquer coisa que esteja acima da existência. Uma história, uma aventura, que seja bela e cortante como o aço e provoque nas pessoas vergonha de sua existência. Um romance. Nunca escrevi nada desse gênero. Artigos de história, sim. Nada mais. E talvez eu não tenha nenhum talento para tentar... um romance! Naturalmente, primeiro será um trabalho cacete e fatigante. Mas depois virá o momento em que o livro estará escrito, impresso, viverá no meu passado e um pouco de sua claridade tombará sobre minha vida. Haverá pessoas que lerão esse romance e dirão: esse Antoine Roquentin que o escreveu, era um tipo ruivo que vivia pelos cafés, eu o conheci. E essas pessoas pensarão em minha vida como eu penso agora na cantora negra cuja voz estou absorvendo.